

Derivação nas variações I a III das *Variações Goldberg* de J. S. Bach

Eixo Temático Específico: 1. Recepção e impacto das teorias musicais europeias e norte-americanas na América Latina

O presente trabalho tem como principal objeto de investigação o trabalho derivativo nas *Variações Goldberg* de J. S. Bach, com ênfase no primeiro conjunto de três variações. Focamos especificamente em uma célula apresentada ao final da ária inicial da obra (Fig. 1) e em sua perpetuação ao longo das variações seguintes, na forma de variantes, apresentando transformações dessa célula original que se manifestam nos domínios das alturas e das durações. Desta maneira, as *Variações Goldberg* se mostram como uma obra que apresenta grande riqueza de ideias mesmo com uso econômico de material, o que reflete as ideias do organicismo. Defendemos a hipótese que a organização organicista das *Variações Goldberg* é mais uma camada que garante unidade e conexão dentro deste ciclo de variações, além da conhecida organização como *chaconne*, com seu baixo mantido ao longo da obra, e da estruturação das 30 variações em dez conjuntos de três variações, na qual cada uma pertence a um grupo específico de variação. As *Variações Goldberg* têm sido estudadas por diversos autores (ZENCK, 1985; JANK, 1988; WILLIAMS, 2001; WERNER-JENSEN, 2013; SIEGELE, 2014; UTZ, 2017), porém geralmente focando a macroestrutura dos dez conjuntos e o processo variacional do tema no baixo. Nossa abordagem acrescenta uma visão que é baseada no Modelo de Análise Derivativa (MDA) elaborado por Carlos Almada (2020). O MDA, entre outros, investiga a natureza das relações entre uma ideia referencial musical e suas versões transformadas e conversa com os princípios da teoria transformacional (LEWIN, 1987; RINGS, 2011). Sua aplicação tem seu alvo principal em obras organicistas, como foi feito em análises de Johannes Brahms (ALMADA, 2020) ou Leopoldo Miguéz (MAYR, 2018). Seguimos a terminologia do MDA, as soluções gráficas e em especial os conceitos das operações ali reunidas que transformam uma unidade de significância derivativa em outra. Nosso principal objetivo é a identificação e a descrição do trabalho derivativo ao qual a célula é submetida nas variações I, II e III, conforme exemplificado na Figura 2. Focamos no comportamento das transformações dentro dos movimentos e entre eles, visualizando-o graficamente em figuras em forma de árvore que relacionam tanto as unidades derivativas quanto a sua genealogia. As Figuras 3, 4 e 5 representam cada variação isoladamente, enquanto a Figura 6 traz a rede derivativa do conjunto 1. Esta última evidencia como a variação I apresenta numerosas variantes de primeira geração, enquanto as variações II e III se limitam à elaboração de somente uma variante cada da primeira geração. Observa-se também que a grande maioria das transformações realizadas no domínio das alturas acontece em movimento parcimonioso, fazendo da segunda o intervalo dominante ao longo das derivações no conjunto 1. Acreditamos que os resultados obtidos suportam a hipótese da estrutura organicista das *Variações Goldberg* e justificam a continuação da investigação nas demais variações.

Palavras-chave: Trabalho derivativo. Organicismo. Variações Goldberg. Modelo de análise derivativa.